Coração Valente

James Dallacosta

2002

Introdução

A todos os homens, buscadores da verdade, em que no peito arde à chama da inquietude e do inconformismo pelo o que tudo é. Nômades, filhos da terra, desbravadores desse vasto mundo de semeadas civilizações e culturas o qual acoberta inúmeros núcleos.

Libertem-se das amarras da resignação e marchem rumo ao que até o momento não sejas conhecido por ti. Margeiem todas às fronteiras, para conquistá-las e deixar no solo vossa marca, para que todos vejam quem você é. Atravessem oceanos e cidades, para então galgar colinas e montanhas e em seu cume fincar vossa bandeira. O mesmo exclusivo lábaro usado desde o raiar dos tempos em que o homem se fez homem ao se lançar por terra e mar em busca do conhecer de novos horizontes, sempre a procura de algo que saciasse o insaciável, de vivenciar todo o tipo de perigo e infortúnio que aparecesse, bem como do saborear das glórias e conquistas alcançadas.

Capítulo I

A Derrota de Bonaparte

"Querida Elizabeth,

Neste exato momento em que lhe escrevo esta singela carta em um dos curtos momentos de descanso dos quais posso desfrutar, estou sentado embaixo de um eucalipto em uma floresta próxima aos arredores de Bruxelas, aguardando, em conjunto com o restante da tropa, às ordens do coronel Bernard Shaw, para atacarmos os franceses. A expansão desse império, comandado por um visionário de loucos, nos mostra para nós, militares, como as guerras e as batalhas de nada possuem de romântico quando estamos inseridos nela. Muitos foram os homens de vários exércitos que pereceram nessa insanidade interminável nesses anos de conflitos, muitos dos quais enterrados em solos extra-pátrio, longe dos familiares.

A família é uma ímpar criação divina, pois é dela que trago comigo todas aquelas benéficas lembranças de casa, o que na maioria dos casos se transformam em estímulos e esperanças para que lutemos e retornemos com vida. Os nossos cinco sentidos são constantemente testados: Sejam no odor de pólvora que nos assaltam as narinas; seja pela visão de cadáveres putrefatos espalhados para todos os lados; seja nos gritos de desespero e de dor quando alguém é atingido; seja por preenchermos de bolhas e calos aos nossos dedos de tanto atirarmos; seja por nos alimentarmos mal e com uma comida nada degustante.

O meu único arrependimento nessa vida foi ter vindo para o exército para manter a tradição em família, cujo pai e avô chegaram ao generalato, e, por isso, a responsabilidade caiu sobre mim. Sinto saudades de casa, meu amor. Principalmente de você, de Julie e da pequena Diana a qual peço a Deus para que este pesadelo termine e aí então eu venha conhecer à minha segunda filha da qual você havia engravidado e eu partido para a guerra antes dela nascer.

Se tudo der certo, o meu regimento irá atacar e tomar Bruxelas amanhã, expulsando os franceses de lá. Em seguida, iremos nos juntar a tropa sobre o comando do general Wellington, em Borm, para então marcharmos até Waterloo e derrotarmos Napoleão e seu exército de uma vez por todas.

Sinto do fundo de meu coração, Elizabeth, de não poder chegar a tempo de comemorar o seu aniversário e manter-se ausente, estando por mais um ano no campo de batalha. Desde já lhe desejo profundas felicidades. Que todo o olhar e amor de Deus estejam voltados para a nossa casa neste dia feliz, irradiando você, Julie, e Diana.

Feliz aniversário, querida esposa

Com todo o meu amor

Tenente Christopher Frederick Patton III"

Bélgica, 19 de Junho de 1815

O ano é 1815. O local é uma floresta nos arredores de Bruxelas na Bélgica. Uma tropa inglesa se acomoda e aguarda o veredicto para atacar o inimigo na manhã do dia seguinte. Os soldados estavam ansiosos em pegar cada francês que eles encontrassem pelo caminho, dali até as ruas de Bruxelas, ostentando em seus íntimos, à vontade férrea de dar fim a um Governo que teve consequências drásticas para quase toda a Europa.

Napoleão Bonaparte ascendeu ao poder na França no ano de 1799, atuando no trono até 1814, sendo 15 anos de um Governo de ascensão, conquistas e declínios. No seu último período de gestão, foi derrotado por forças europeias aliadas à Rússia e forçado a abdicar. Foi enviado então para a ilha de Elba e o trono francês foi entregue a quem de direito: Luís XVIII.

Porém, neste ano, Napoleão fugiu de Elba e retornou a Paris, sendo aclamado em toda parte, recuperando o poder e destronando Luís XVIII. Agora, ele se encontra em solo belga em conjunto com o seu exército, nos campos de batalha. E nos campos de batalha também se encontravam os exércitos britânicos e prussianos, ambos coligados e buscando a derrota do general Bonaparte.

Praticamente é noite, com o céu em contínua demonstração da cor plúmbea, como nos dias e noites anteriores, anunciando de que novas chuvas desceriam até o chão daquele país. Uma bruma carregada e fria caía por sobre a floresta, envolvendo todo o regimento britânico, acampado improvisadamente naquele local, com apenas algumas tendas montadas. Uma de campanha, que servia para as definições de estratégias militares ministradas pelo coronel Shaw, e também de repouso para este. E as demais tendas, eram dos oficiais. O resto da tropa se acomodava como podia, ao relento, despidos de qualquer regalia.

Cavalos são poucos. Só mesmo para o coronel e os oficiais, pois o regimento é formado por infantes, não permitindo que os demais viessem a desfrutarem de um combate montado, como se fazia na cavalaria. Fora os superiores, os únicos cavalos disponíveis servem ao rancho, no transporte da carroça, e os que carregam armamentos.

Somados a essas dificuldades, mais o estresse natural que uma guerra proporciona a um ser humano, os ingleses estão exaustos, assim como os seus rivais, os franceses. Exaustos de um combate que já perdura por dez longos anos, tendo iniciado por volta de 1805, após Napoleão decretar à expansão de seu império por sobre a Europa. No momento, o que esses cansados sujeitos desejam, é acabarem com a “farra”, e retornarem para o seu país e para os seus lares.

No interior de sua tenda de campanha, o coronel Bernard Shaw acende um lampião para iluminar o ambiente. Em seguida, ele se volta para dois dos seus subordinados e endereça à palavra para um deles:

--- Capitão Dôver. Encontre o tenente Patton para a reunião. Depressa.

--- Sim senhor!

O capitão Dôver bate à continência, deixando o recinto logo após, partindo à procura do outro oficial e amigo.

Nesse ínterim, o tenente Frederick Patton cruza o acampamento, passando por vários soldados, uns em pé, conversando, outros sentados, ou até mesmo dormindo. Aqueles que estavam acordados e tiveram à oportunidade de testemunharem em sua tênue face um recatado e tímido sorriso, se perguntaram o porquê daquilo. O que teria acontecido de bom para que o tenente colocasse um sorriso em seu rosto, se não havia motivo algum na altura de uma guerra como aquela e de uma batalha que estava por vir? Talvez à resposta estivesse na carta em suas mãos.

De repente, um estampido de uma arma alcança à audição de todos, principalmente de Christopher Frederick Patton III, cuja jugular é destroçada, lançando um jorro de sangue no ar, sendo o corpo do jovem tenente, não mais que 26 anos, a tombar sem vida na floresta.

À algazarra e à correria para responderem ao fogo de imediato, é instantânea. Como também o são outros que morrem rapidamente.

--- O que está acontecendo?

--- Os franceses estão nos atacando em nossas linhas, coronel.

Imediatamente a reunião que ainda nem sequer havia começado é suspensa, sendo o coronel e o major a reunirem a tropa e comandá-los para enfrentarem e resistirem à invasão.

Ambos os lados sofrem o pesar das baixas, cada um sendo morto pelo fuzil do outro. As balas perfuram as carnes, dilaceram-nas e tiram as vidas.

Gritos de agonia e dor se misturam aos de ódio e palavras de ordem, emitidos aos berros no campo de batalha. As árvores são estáticas observadoras das cenas desenroladas, e também representando eternas proteções aos soldados que ali estão disparando às suas armas. Um francês mal encarado mira o seu fuzil e o dispara. A carga cumpre o seu curso, acertando em cheio na testa de um inglês, retirando do interior de sua cabeça, pedaços de massa cefálica. Os restos atingem o uniforme de um conterrâneo ao seu lado, tirando à concentração deste, que instintivamente olha o cadáver caído, com um buraco de bala na fronte do guerreiro.

Embora os seus olhos que ainda expressam à tenra juventude e o desabrochar para uma vida na atualidade, esse ainda menino, engajado no exército umas semanas antes de Bonaparte fugir de Elba, não obstante, já estava familiarizado com os dissabores provocados no campo de batalha. A imagem do colega morto lhe toma à sua visão.

Nisso, quando um dos muitos franceses que tentavam avançar dentro da linha inglesa corre em sua direção armado de baioneta, pronto para manchar de vermelho a arma branca, aproveitando-se da sua distração, o destemido soldado somente é freado quando um militar inglês, com um disparo, envia-o ao mundo dos mortos.

--- O que há com você, James? O maldito cão francês quase o pegou!

--- Winston foi morto.

--- É eu estou vendo. Só que temos que cuidar da nossa pele para não acabarmos como ele.

Sendo repreendido pelo seu amigo, o jovem soldado James Gordon, no auge de seus 15 anos de idade, recobra a razão e parte para o embate igualmente como os demais.

--- Você me dá cobertura enquanto eu recarrego à minha arma.

O seu amigo, 10 anos mais velho do que ele, municia o seu fuzil, sendo amparado pelo rapazola que o protege, enquanto efetua a recarga. Em seguida, em meio à balbúrdia, uma voz familiar nasce no emaranhado de homens, chegando aos ouvidos dos ingleses. Era o sargento Craddock, ordenando que a tropa avançasse para cima dos franceses.

Apesar de vários terem perecido por ser pego de surpresa em suas linhas, o regimento conseguira se organizar a tempo e contra-atacarem o exército inimigo, agradeça ao competente corpo de oficiais que o 15º regimento de infantaria possuía. O revés ocasionado pelos britânicos, se expande, fazendo com que os soldados bonapartistas recuassem, ou então acabasse sendo massacrados ante a fúria dos soldados da coroa.

Cansados e quase sem fôlego, o exército francês estava em piores situações que os seus inimigos, pois eles haviam lutado com vários exércitos de várias nações à qual Napoleão quisera conquistar, sem contar o grosso saldo de mortos nesses 10 anos de conflito. No estado em que se encontravam, só faltava pedirem um cessar fogo e aceitarem à derrota.

Alguns homens, já em completa condição de semiloucura ou debilidade, quiseram se render, jogando às suas armas no chão. Mas o inimigo é cruel e impávido, não aceitando à rendição do lado oposto.

--- Atenção, major! Eu não quero prisioneiros. Para cada bonapartista morto, a Sua Majestade, o rei, lhes concede o agradecimento pelo esforço de não demonstrarem compaixão ao inimigo.

--- Vocês ouviram o coronel, homens! Matem a todos! O exército do rei não fará prisioneiros.

Nesse instante, a fúria explode na floresta, talvez até mesmo eclodindo em Bruxelas, onde o restante da tropa estava.

Para os rendidos, à frustração apenas por terem envergonhado a sua bandeira e ao seu exército, bem como da chance em permanecerem vivos se conseguissem essa façanha. Para aqueles que lutaram até o último instante, à dignidade em ostentarem o título de verdadeiros soldados que pereceram em combate.

O forte cheiro de sangue e de pólvora impregna o lugar, assaltando as narinas dos presentes, assim como escrito na carta do falecido tenente.

.

--- Major! Você não concluiu o seu curso de medicina antes de vir para o exército, mas terá que colocá-lo em prática agora. Pegue um ou dois homens e cuide dos feridos.

--- Sim senhor, coronel!

--- Sargento! Faça à recontagem das armas e munições. E se estiver faltando, não hesite em pegar as dos franceses mortos.

--- Sim senhor!

Um pouco afastado do coronel e do sargento, o soldado James Gordon e o seu companheiro de armas e amigo, o soldado Oswald Seeley, conversam sobre o ocorrido e o que estará por acontecer ainda.

--- Perdemos um bocado dos nossos, mas em compensação viramos à "mesa" e detonamos com eles.

--- Não vá cantar vitórias antes do tempo garoto. Ainda falta Bruxelas e Waterloo. Estou a mais tempo na guerra que você. Bonaparte é um excelente estrategista militar e um astuto general. Por essas qualificações, ele pode muito bem virar esta "mesa" a favor dele e de seu exército.

--- Acreditando ou não, Seeley, fique sabendo que os dias de Napoleão Bonaparte estão contados.

--- Eu só irei acreditar quando estes olhos aqui virem Napoleão morto.

--- Quer apostar então?

--- Ficou maluco? Se o coronel ou um dos oficiais nos pegam apostando numa situação dessas, seremos punidos!

--- Por falar no coronel, ele vai ter um bocado de problemas com os feridos. Afinal, perdemos o nosso médico quatro dias atrás em Levírne, deixando o regimento sem nenhum.

--- Ah! Então você não sabe?

--- Saber do quê?

--- O major Beldwan foi aluno no curso de medicina em Oxford em 1785, com a sua idade, James. Três anos depois, ele abandonou o curso e ingressou no exército.

--- O major Beldwan? E por que ele não concluiu?

--- Há boatos sobre a sua família ter empobrecido rápido demais. Parece que eles começaram a perderem os seus bens, e o major teve que abandonar a escola de medicina para ingressar na "arma". Uma forma de não perder o status totalmente.

--- Quem diria. O major Beldwan. O exército é engraçado, Seeley. Tem horas que ele é tão frio quanto um pai sem afeições pelos filhos, ou um patrão desalmado. Mas tem horas que o exército mais parece uma mãe recebendo os filhos de braços abertos, pronto para acolhê-los em seus vigorosos braços, do mundo desumano aqui de fora. Ainda é um dos poucos lugares que pessoas pobres como nós, possuem à chance de crescerem.

--- É isso aí, garoto! É isso aí mesmo!

Nesse momento, em meio ao agito dos homens na floresta, de um lado para o outro, um deles está agachado junto a um corpo, olhando fixo alguma distância do cadáver no chão. Talvez perdido em pensamentos, e na dor da perda de um amigo.

Nisso, o coronel Shaw se aproxima e o aborda:

--- Quando um dos soldados disse que o capitão Dôver estava com o tenente Patton aqui, eu não imaginei assistir a uma cena como essa. Sinto por Christopher. Ele era um bom oficial e um bom amigo também, capitão.

--- É! Disso à maioria dos homens aqui sabem. Pena que não possa ser usada para trazer Christopher de volta.

--- O que é isso em suas mãos, sujo de sangue?

--- Oh! Isto é uma carta que o tenente Patton iria enviar para a sua esposa e filhas em Chelmsford. Há exatos uma semana atrás ele havia comentado comigo, de que assim que tivesse tempo, escreveria para elas.

--- Deixe-as comigo, capitão. Eu mesmo providenciarei para que essa carta seja entregue à senhora Elizabeth e filhas. Indo em anexo uma carta minha, escrita de próprio punho, comentando sobre o falecimento do tenente Patton III, e com todas as minhas condolências a família.

--- Sim senhor.

--- Ah! Antes que eu me esqueça. Se alguma coisa me acontecer, você pessoalmente entregará à carta a viúva, capitão Dôver.

--- Pois não, senhor.

Confirmando e aceitando plenamente à ordem, o oficial imediatamente se vê na obrigação de, caso algo venha a sair errado para com o seu superior, realizar essa missão que a ele fora incumbido.

A conversa então passa a assumir um tom muito mais estratégico do que fúnebre entre os dois.

--- Os franceses agora sabem da nossa posição melhor do que nós mesmos, capitão. Iremos passar a noite aqui, mas com uma vigilância mais do que redobrada. Amanhã de manhã, na alvorada, eu quero todo o 15º tomando Bruxelas de assalto, nem que todos tenham caído e eu seja o único homem de pé. Eu quero Bruxelas! Se não conseguir, eu não poderei marchar até as tropas do general Wellington e invadir Waterloo. Nem mesmo poderei olhar Wellington olhos nos olhos, pois ele irá "descascar o meu coro". Por isso, eu quero aquela cidade e a quero amanhã. Você entendeu bem?

--- Perfeitamente, senhor. Posso providenciar uma equipe para o enterro dos mortos?

--- Oh sim! Faça isso, por favor, capitão. Mas sem muitas cerimônias, pois estamos em guerra e não em tempos de paz.

O oficial imediatamente bate à continência para o seu superior, indo correndo cumprir o que lhe é de sua alçada, e mais algumas obrigações extraordinárias, enquanto Shaw olha de uma ponta a outra naquele lugar, já consumido pelo breu noturno, examinando o panorama rotineiro após o ataque. De repente, ele se apercebe do papel manchado de sangue, contendo à comunicação manuscrita, para então guardá-la dentro de um de seus bolsos, dobrando-a. Após, os seus olhos são endereçados novamente para o morto.

E para o cadáver, os olhos de Richards L. Dôver o contempla pela última vez momentos depois, enquanto o soldado Gordon joga a última pá de terra por sobre o túmulo. Então, um soldado a direita do capitão, passa-lhe o quepe do falecido, para que seja finalmente depositado por sobre a cova.

--- Descanse em paz, Patton.

O lampião deixado no chão ilumina a cena de despedida, trazendo um pouco de luminosidade para a negritude noturna.

No crepúsculo matutino, assim que os primeiros clarões da luz natural chegam a terra, os infantes marcham, indo em direção à cidade dominada a fim de expulsarem os conquistadores dela e libertarem o povo belga da submissão e servidão plena aos franceses. Assim esperam os bruxelenhos. Do contrário, eles apenas sairão das garras de um, para caírem nas de outro.

A frente do regimento estava por sobre as selas os nobres oficiais da coroa, conduzindo à massa humana de subservientes para a batalha das mais importantes, e quem sabe, poder decidir o futuro da guerra a partir de hoje. Todos, inclusive o próprio Shaw, não deixa de experimentar o desagrado de sentir o famoso friozinho em seus ventres, tanto pela aproximação da morte, coisa costumeira em um campo de luta, como

também pela responsabilidade que eles têm em “quebrarem” à resistência do exército rival, pulverizando-os de uma vez por todos.

Muitos são os homens de variadas profissões, idades e lugares, oriundos da Inglaterra que se alistaram no exército ou então foram obrigados por este para vir guerrear em solo belga. Um desses, talvez o mais jovem atualmente na força inglesa seja James Gordon. Embora rapazola pela idade, ele já possui um corpo bem forte e uma estatura alta, talvez por alguma linhagem em sua família de ingleses, na parte sul de seu país.

Outro, um pouco mais velho do que ele, com uns 19 anos de idade, apressa um pouco as suas passadas, aproximando-se de Gordon e Seeley.

--- Ei, Gordon! Sabe aquela aposta que você queria fazer? Pois bem, eu tenho uma pequena economia aqui comigo guardado, oriunda do soldo que recebemos...

Antes mesmo que o jovem continuasse com a sua oferta, o seu compatriota o inquiri, continuando em tom baixo como no início, para não despertar à curiosidade e atenção de ninguém, exceto de Oswald Seeley.

--- Vá direto ao ponto, Pitt. Quanto você tem?

--- Cinco moedas de libras esterlinas.

--- Hum! Não é muito, mas isso mesmo serve. Negócio fechado?

--- E por que não? Negócio fechado.

Os dois apertam as mãos em sinal de firmado um acordo. Assim que Stanford Pitt retorna para a sua posição anterior é o momento de Gordon ser inquirido:

--- O que Diabos você apostou com ele?

--- Ele teimou comigo a umas duas noites atrás de que não conseguiríamos penetrar em Bruxelas. Que o nosso regimento iria perder essa.

--- E aí você ofereceu uma aposta, assim como fizera comigo ontem, não é mesmo?

--- É. Eu ofereci, mas você não quis.

--- Pois não quis e não quero. Por um acaso Pitt está do lado dos franceses ou do nosso? Puxa! Que vergonha! Ah se o regimento todo, incluindo e principalmente os oficiais, saibam de uma aposta tão baixa dessa, Gordon. Na certa será a corte marcial para vocês dois, e talvez até mesmo para mim, já que ando consigo.

--- Eles só irão saberem se você contar. Do contrário, não há como.

--- Se arriscando do jeito como você se arrisca...

--- Você não irá contar. Não é mesmo Seeley?

--- Eu deveria era contar para todo mundo, até mesmo para toda a Inglaterra, seus dois malucos.

--- Obrigado, Seeley. Eu sei que sempre posso contar com você.

--- Um dia desses, você ainda vai se dar mal. Oh, meu Deus! Se você defender tão bem esse regimento e for tão empenhado na tomada a Bruxelas, como é tão dedicado a querer ganhar dinheiro, pode ter certeza de que o rei agradece.

Um sorriso brota na face do sulista inglês, embora por pouco tempo, pois em seguida a brincadeira cessa para dar lugar a apreensões, expectativas e ansiedades.

Instantes depois, um francês corre em direção às suas linhas e alerta os seus iguais sobre a aproximação da força inimiga.

--- Capitão Legô! Os ingleses vêm vindos. Já se aproximam às nossas linhas, senhor.

--- Obrigado, cabo. Agora retorne à sua posição e mantenha os homens alinhados.

Enquanto aguarda o curso normal do tempo trazer os seus inimigos até o alcance de seus obuses e de sua fuzilaria, o capitão francês recebe um comunicado de um de seus subalternos. Imediatamente ele deixa o posto, e sai correndo pelas ruas em direção a um solar, para então penetrar por ele, subindo as escadarias e adentrar em um quarto guarnecido por uma sentinela.

No interior do aposento, um homem acamado, contorce ante um agonizante estado de morbidez, tentando erguer à sua mão com dificuldade para que o oficial francês aproxima-se de seu leito, para então falar-lhe em tom baixo:

--- A turma que você mandara ontem, já regressara?

--- Não senhor, major! Acabei de ser informado de que um regimento dos ingleses vem rumando para Bruxelas.

--- Talvez eles tenham apanhado a sua turma, capitão. Já parou para pensar nisso?

--- Sim senhor.

Entre um lance e outro de conversa, o militar doente é atacado por pontadas dolorosas em seu corpo débil e frágil, acometido há vários dias por malária.

--- Capitão Legô! Eu o mandei chamá-lo aqui com o intuito de lhe pedir um favor e ao mesmo tempo lhe dar uma ordem. Em um dos bolsos de minha farda, você irá encontrar um papel, datado, escrito e assinado pelo chefe de cerimonial do gabinete em Versalhes, general Duvivier. Ele desenvolveu uma listagem com os principais homens do recém criado corpo de espionagem francesa, que fora criado pelo general Ney, com intuito de sabotarem a força inimiga, angariar informações para o nosso Governo, e eliminarem os principais homens chaves de todos os tronos da Europa, começando pela Inglaterra. Embora não seja essa a sua obrigação, assim como também não era a minha, eu lhe peço de que fique com essa listagem, capitão. E se a situação não for favorável para o nosso exército, antes mesmo de ser pego, dê um jeito de se livrar deste papel, capitão, sem comprometer os nossos superiores, compatriotas, e a própria França.

--- Sim senhor. Posso fazer uma pergunta, major?

--- E por que não? Embora esteja com dificuldades para falar, mas ainda resta um resíduo de vida dentro de mim para esclarecer às suas dúvidas, capitão.

--- As ordens sobre essa listagem para o senhor partiram do próprio coronel?

--- Sim. Como eu dissera antes, isto não era obrigação minha nem sua, mas essa listagem partiu do gabinete em Versalhes para os homens mais preeminentes, influentes e fiéis bonapartistas em toda a França e fora dela, circundando nos altos escalões civis e militares, entre o marechalato, generalato e coronelato. E um desses homens, era o coronel Richalier, que temendo ser pego, me contara sobre o caso e me pedira a mesma coisa que estou lhe pedindo, com uma única diferença: Que eu mantivesse comigo até encontrar algum superior para repassar.

--- Então, por que pedira para que eu destrua essa listagem?

--- Ela é perigosa demais para ficar correndo solta por aí. Isto foi uma decisão que resolvi tomar. Afinal de contas, não tenho nada a temer, pois sinto à minha vida esvair-se de meu ser a cada instante que passa.

A conversa é interrompida pelo barulho dos canhões e armas sendo usados, atuando como um chamado ao capitão Pierre Legô para que ele regresse para junto de seus soldados, imediatamente. Então, ele pega a listagem, bate continência para o major, e abandona o recinto.

--- Boa sorte, capitão Legô! Faça a sua parte, pois infelizmente a França perderá a guerra.

Enquanto balbucia previsões naquele agora cômodo vazio, a sua visão começa a turvar até escurecer por completo, e o último suspiro de vida abandonar o corpo do oficial. Lá fora, Pierre segura com a mão esquerda a lamparina, e com a direita ele envolve o papel na chama, vendo o fogo tomar conta. Em seguida, ele segue adiante, indo na direção do conflito.

Na entrada da cidade e em suas proximidades, homens lutam bravamente em resistirem à chegada dos ingleses, sejam na infantaria, empunhando fuzis de cano longo a cuspirem por eles cargas de chumbo, ou na parca artilharia formado por não mais que três canhões cansados de serem utilizados. Uma carga pesada de um deles acerta o seu alvo, explodindo literalmente dois soldados e ferindo alguns outros.

Muitos dos feridos de ambos os lados que agonizam no chão, clamando por ajuda, são na maior parte esquecidos pelos próprios amigos que não tem tempo de socorrê-los, e sim, em preservarem às suas vidas e lutarem pelo seu país.

De repente, alguém da multidão do lado dos ingleses, grita para armarem às baionetas e saltarem para a posição inimiga. A primeira e a segunda leva caem. Mas da terceira em diante, dão o troco aos franceses, trespassando-os com as suas lâminas. Apesar dos soldados franceses contarem com um bom capitão e um bom tenente, e apesar de se esforçarem piamente no campo de batalha, procurando resistirem à incursão do 15º regimento, o esgotamento em massa se abate por todo o exército da França. Não somente aqueles, mas todos os demais. Este, por sua vez, em particular, passou por maus pedaços na Bélgica. Perderam o seu coronel em combate em Priost, antes de tomarem Bruxelas. Foram acometidos pela malária, chegando a ceifar a vida de vários homens da tropa, incluindo o major, agora morto no quarto de um solar a algumas ruas dali.

Ontem à noite, uma turma que fora enviada para caçar ingleses e guarnecerem à passagem que levava até as tropas francesas, foram mortos; e muitos por ora estão perecendo, lutando até o último instante de vida em seus corpos, aguentando o máximo que podem, chegando ao clímax da resistência e do suportar, beirando a destruição e se tornando verdadeiros farrapos humanos empunhando armas e ceifando a vida dos contrários à sua bandeira.

O jovem James Gordon mostra o seu valor na luta, fazendo uso de sua coragem, avançando pelo campo de morte na companhia dos seus iguais, utilizando das suas habilidades para derrubar o oponente com a sua arma.

Rastros de sangue são vistos em todos os lados, acompanhado de variados corpos ou pedaços destes esquecidos no chão, produto de uma violência plena, existente nos corações humanos. A cena é extremamente agressiva aos sentimentos, e triste de serem testemunhadas. Muitas mães se pudessem ver, com toda a certeza, muitas delas se arrependeriam naquele fatídico instante e amaldiçoariam o dia que deram a luz a verdadeiros bárbaros sanguinários, amantes da destruição. Outras por sua vez, deixariam que às lágrimas respondessem por elas pela forma bestial aos quais os seus "meninos" vieram a perecerem, cumprindo ordens em uma profissão das mais ignorantes possíveis. O militar é o diplomata da estupidez, pois quando à verdadeira diplomacia não desenvolve êxitos, estes ainda selvagens, se é que se pode chamá-los de homens, devido a tal comportamento agressivo, entram em cena demonstrando toda à selvageria que habitam os seus íntimos, com uma dedicação voraz ao extermínio. Isto serve para ambos os lados.

Os bruxelenhos que não faleceram na conquista de sua cidade por parte dos bonapartistas, e aqueles que ainda permaneceram lá e que não conseguiram fugirem, com toda a certeza nesta hora, se perguntam sobre o futuro da guerra em sua pátria, e do futuro de seu povo. Não há uma viva alma na rua, a não ser por um ou outro soldado que estão na cidade para manterem o pouco controle que eles ainda possuem. O povo está retido em suas casas, talvez rezando para que o pesadelo termine, embora alguns não deixasse de esconderem à curiosidade e nervosismo, sendo atentados pelo pandemônio instalado lá fora, a espreitarem sorrateiramente através da cortina e olharem pelo vidro das janelas nas ruas semi desertas da cidade.

O barulho provocado pelo combate é um verdadeiro martírio para os cidadãos de Bruxelas. Eles nada podem fazer, a não ser esperarem e aguardarem pelo término.

O 15º resiste, enfrentando bravamente os inimigos. Um de seus integrantes demonstra à força e à coragem de um leão, deixando uma trilha sanguinária atrás de si.

Quando um magrelo o pegara por trás, envolvendo-o em uma chave de pescoço, James consegue se sair bem, puxando o seu inimigo desarmado pela cabeça, jogando-o ao chão, para que depois venha a recuperar o seu fuzil e cravar-lhe da baioneta neste. Outro surgia pelas suas costas, mas logo a coronha de sua arma o desequilibra e o jovem inglês mais uma vez lava à sua lâmina no sangue francês.

O seu amigo, por sua vez, enquanto ceifava a vida de um, sentia o desagrado de uma faca repousar em suas costas, enquanto era segurado pela sua retaguarda. O seu rival ainda pretende trabalhar à lâmina em Seeley, mas de repente, James Gordon surge por trás do pretenso matador e o liquida.

--- Aguenta firme que eu irei te ajudar.

O jovem Gordon ampara o seu amigo, que já tem o sangue tomando-lhe às costas pelo ferimento provocado, com fortes pontadas de dores. Com dificuldade, ele fala algumas palavras:

--- Não há como prosseguir, James. Deixe-me aqui ou ambos seremos mortos.

--- Você tem um corpo forte, Seeley. Você tem que aguentar!

--- Não adianta garoto. É suicídio querer continuar me carregando. Deixe-me aqui no chão e depois volte para me buscar.

Obedecendo, ele deixa o ferido, e parte para a decisão do conflito. Mesmo quando ainda tentavam recuarem para a cidade, alguns tiros de fuzilaria final aniquilam aqueles que tentavam se debandarem para Bruxelas, demonstrando para eles que a batalha havia sido perdida, assim como às suas vidas.

Alguns disparos ainda são ouvidos quando, literalmente, a bandeira da França cai, e o lugar por ora, está nas mãos dos ingleses, já reduzidos. Boa parte do 15º regimento ficara no chão, sem vida. Mas pior mesmo estavam os franceses com apenas o seu capitão e alguns míseros soldados vivos.

Já derrotados, eles são postos juntos um do outro, formando um grupo, enquanto em meio ao odor fétido de sangue e pólvora no ar, misturados com a poeira levantada do chão durante o prélio, eis que surge o coronel Shaw, montado em seu animal de guerra e endereçando à palavra ao oficial, inquirindo-o:

--- Você é o único oficial vivo por aqui ou por um acaso há algum outro?

--- Sou o capitão Pierre Legô do exército da França. O coronel de meu regimento foi morto em combate em Priost. O major está acamado em um quarto, num solar algumas ruas daqui, vítima de malária. Fora eu, havia um tenente em combate.

--- Que na certa deve estar morto. Pois bem, capitão. Vai ter que ser o senhor mesmo. Sua Majestade, o rei da Inglaterra, declara que Bruxelas está sob o domínio inglês provisoriamente, até que o governo da Bélgica assuma o seu controle novamente. Alguma coisa a dizer, capitão? Não, é claro que não. Diante disso, eu os declaro prisioneiros de guerra até próxima ordem. Capitão Dôver!

--- Sim, senhor coronel!

--- Providencie à prisão deste oficial e dos soldados, imediatamente.

--- Entendido, senhor!

--- Major Beldaw!

--- Senhor!

--- Você já sabe o que fazer. Pois então mãos a obra.

Enquanto um prende, o outro cuida dos feridos, sendo o coronel a receber os habitantes da cidade que agora deixam às suas moradas caminhando timidamente pelas ruas, indo na direção de Bernard Shaw e seus homens. Shaw, por sua vez, explica a delicada situação para esses moradores, agora obedecendo temporariamente aos britânicos até se firmar novamente o governo na Bélgica. As leis de Sua Majestade seriam aplicadas na íntegra em todo o território belga.

Não há expressões de alegrias em suas faces, permanecendo inalterada ante as declarações do oficial. Somente quando se restabelecer o governo no país, é que os belgas voltarão a sorrirem novamente, pois aí, estarão livres de uma incerteza estrangeira, independentemente de quem vier a assumir as rédeas da nação. Seja herói ou vilão, não importava. O que importava apenas era que fosse um belga no comando da nação.

Nesse dado instante, um cavaleiro solitário galopa no campo de batalha, que mais parece um cemitério ao ar livre, indo ele na direção dos ingleses. Dois soldados o obrigam a parar. Ele freia bruscamente o seu animal, retirando uma poeirada e tanto do chão, chegando a arrancar tosses dos dois militares.

--- Trago uma correspondência para o coronel Bernard Shaw, do general Wellington em Waterloo.

--- Seu maldito mensageiro! Não precisava arrancar tanta poeira do chão assim.

O jovem mensageiro, talvez da mesma idade que Gordon ou um pouco mais velho do que esse, talvez com a idade de Pitt, deixa os dois soldados vermelhos de tanto tossirem, ficando quase sem fôlegos.

--- Vocês são do 15º regimento?

--- Idiota! Desça desse cavalo! Pois mesmo sendo um homem da infantaria, eu irei lhe dar uma surra, moleque, por não saber cavalgar.

Uma pequena briga começa entre os três, sendo o mensageiro puxado com violência de sua sela direto para o chão.

Bernard, assim como os demais, assiste à cena e, jogando o seu cavalo na direção do trio, ele intervém e dar fim àquela discussão boba.

--- Alto lá, homens! Sentido!

Imediatamente a bagunça cessa, dando lugar à única voz ouvida naquele momento ali: A do oficial superior.

--- Imbecis! Será que já não basta estarem em uma guerra de verdade, a cada dia perdemos uma vida, e vocês três, seus três idiotas, resolvem criarem uma guerra particular e entre nós mesmos? Eu procuro encontrar uma palavra, só uma, para descrever a minha indignação e repúdio a vocês três, por uma cena tão ridícula dessas. O que vocês querem? Acabarem com a minha alegria por ter vencido à batalha? Eu quero os dois neste exato momento se apresentando ao capitão Dôver, explicando a eles o ocorrido, e lhe pedindo uma punição através de meu mando. Já!

Sem pestanejarem, os dois encrenqueiros retiram-se da frente de seu coronel rapidamente, após o vexame do sermão pelo o qual passaram.

--- E quanto a você, garoto, embora não pertença ao meu regimento, quero que saiba que tenho a total e real legitimidade para puni-lo. Mesmo que os seus superiores estejam ausentes, eu possuo todo o direito em lhe punir. Certo, meu jovem?

--- Sim senhor!

--- Muito bem. O que fazes aqui?

--- Venho de Waterloo, coronel. Enfrentei dois dias de viagem para lhe trazer essa correspondência do general Wellington.

Bernard lhe toma o envelope nas mãos, tratando em seguida de ler o conteúdo para si e o mensageiro.

"Quando você estiver lendo essa carta coronel Shaw, quero que saiba que sua ida e a de seu regimento até Borm, será desnecessária. A minha tropa partira no dia 16, rumando para Waterloo. Lá chegando, travamos uma batalha sangrenta de uma noite e dois dias, deixando em frangalhos toda a cidade e um rastro de corpos impressionante de ambos os lados dos exércitos. Mas o melhor estava por vir.

Após Napoleão completar cem dias de regresso ao poder, o seu exército faminto, cansado e doente, com uma tropa de esquálidos homens, foram vencidos pelos nossos bravos e heroicos rapazes, dando um ponto final às atrocidades desse vil ser. Bonaparte e os poucos que sobraram de seus seguidores estão presos aqui na cidade, aguardando para serem julgados por um tribunal internacional, para então ser decretado o seu destino. Desconfio eu que ele seja enviado para a ilha de Santa Helena, no litoral africano. Mas apenas são meras especulações que eu e o meu corpo de oficiais andamos fazendo, despossuídos de algum crédito.

A última barreira era Waterloo, e fora vencida. Agora, só depende de você e o 15º para decretarmos o fim da guerra, coronel. E aproveitando à oportunidade, desejo sucessos para você e seus homens em tomarem Bruxelas. Espero que me perdoe pela minha impaciência em não tê-lo esperado, mas em uma guerra, cada minuto perdido pode custar à nossa vida e a de muitos.

Waterloo, 18 de junho de 1815.

General Wellington"

Ainda em cima de seu equino, o oficial inglês grita para os seus homens, decretando o fim da guerra. Erguendo o seu braço direito e balançando a carta contendo à novidade que acabara de ser lida por ele, uma expressão de felicidade é desenhada na face daquele homem seguidor da disciplina a qualquer custo. Enlevados pela notícia, aqueles cujos ouvidos alcançaram às palavras de seu superior comemoram, embora alguns demorem um pouco para acreditarem no que realmente foi dito. Outros saem correndo pela cidade para levarem a conhecimento dos demais.

Com uma felicidade estonteante em suas faces, o pessoal que ali se encontrava, não deixa de trazerem à cena uma peculiaridade um tanto quanto anormal em um campo de batalha. Aqueles que estão vivos e sadios, não acometidos por nenhum ferimento durante o prélio, vibram e celebram o término do conflito junto a inúmeros cadáveres e despojos espalhados pelo chão, demonstrando verdadeiro cenário antítese naquelas paragens.

Horas depois, em um improvisado hospital em uma das casas da cidade, James Gordon e Stanford Pitt, assim como vários outros soldados que não estavam de serviço, visitam os camaradas de armas internados. Um deles, Oswald Seeley, se recupera bem do ferimento adquirido.

--- É garoto. Você estava certo sobre os rumos da guerra. Foi difícil para eu levar a sério que um rapaz de 15 anos entendesse do assunto. Aliás, eu nem sequer cheguei a acreditar em suas palavras.

--- Para você ver que o fator idade não é muito importante.

--- Ele tem razão, Seeley. Do contrário, o exército o teria rejeitado devido a sua pouca idade.

--- Que nada, Pitt! O exército só o aceitou por que não sabe de sua idade verdadeira. As más línguas dizem que quando Gordon se alistou, o oficial encarregado o deixou passar porque enxergava mal e usava óculos “fundo de garrafa”.

--- Já sei. Ele se guiou pelo tato. Achou o seu corpanzil o de um adulto, e o deixou entrar para o exército por causa disso.

O comentário é seguido de risos e gargalhadas entre o trio, dando continuidade a descontração.

--- Não leva a sério, garoto. Apenas é uma forma da gente se divertir um pouco, antes de voltarmos para casa.

--- Aguenta um pouco, soldado. Ainda ficaremos por aqui um mês antes de regressarmos a Inglaterra.

--- Soldado não Pitt. Cabo. Olha só, irei voltar com uma divisa bem aqui no braço, ó. Serei o orgulho da família. Papai, mamãe, meu irmão e minhas irmãs.

--- Ei Gordon. Alguém esquecera de avisar para esse sujeito de que todos os soldados desse regimento ao voltarem para a Inglaterra serão promovidos a cabo. Além do mais Seeley, isto me faz lembrar uma coisa: Nós ainda não somos cabos. Somos meros soldados.

--- Ora. E que diferença isso faz? Seremos promovidos aqui ou lá. Não seremos? O que mais me interessa acima de tudo, sou eu voltar para casa, entrar na ferraria de meu pai, para abraçar aquele velho. Em seguida, ir correndo para casa e fazer a mesma coisa com o resto da minha família.

--- Você tem saudades deles, não?

--- E quem não tem, Gordon? E quem não tem?

O acamado parece viajar em suas palavras, olhando de forma nostálgica para um ponto fixo qualquer a sua frente.

--- E quanto a você James? O que pretende fazer quando voltar para a Inglaterra?

--- Queria um futuro diferente para mim. Bem longe dos estaleiros os quais os meus antepassados viveram, construindo embarcações em Southampton. Foi para fugir dessa vida que me alistei no exército.

--- E não foi você mesmo que disse que o exército é um dos lugares em que pessoas pobres conseguem crescer?

--- Sim. Mas não pretendo passar o resto da minha vida vestindo à farda. Penso sim, é um dia poder trabalhar naquilo que sempre tive vontade.

--- E em quê você tem vontade de trabalhar?

--- No mundo dos negócios. Essa é a minha verdadeira vocação.

--- Acorde! Se você não quiser voltar para os estaleiros de seus antepassados, não faça à bobagem de largar o exército.

--- Pitt tem razão, James. Com o parco soldo que nós recebemos, ou com o pagamento de um operário, você não conseguirá comprar nenhum estabelecimento vagabundo em Londres. Meta uma coisa na sua cabeça: O seu destino é à carreira militar.

--- Pode ser que sim, como também pode ser que não, mas numa coisa vocês têm que concordarem comigo: Sonhar não custa nada e é de graça. E enquanto esse dia não chega, eu continuarei sonhando, até a hora em que conseguir o que quero.

No imenso jogo do tabuleiro da vida, as peças haviam sido lançadas, enquanto as regras eram definidas. Agora, bastava saber se de sua vontade seria respeitada e se seu sonho se concretizaria. Bastava agora o destino lhe sorrir, e com um pouco de sorte ele conseguir trilhar a estrada do triunfo, e ser interpretado como um vencedor de uma batalha, talvez mais demorada do que esta ao qual ele e seus camaradas de armas acabaram de participarem. Por outro lado, caso se a sorte lhe faltasse, o que o destino lhe reservaria mais a frente talvez estivesse longe de suas vocações, e um tormentoso caminho em sua vida estaria a sua disposição para ser trilhado.











Capítulo II

Um Romance Proibido

Londres, a capital do mundo. Esse é um termo utilizado pela Imprensa de vários países do planeta, no desbravante século XIX, para designar em suas publicações diárias sobre o poderio e à importância da Inglaterra, junto às decisões internas e externas de variados segmentos. A mesma Inglaterra que nove anos atrás fora decisiva na derrocada napoleônica nas terras da Bélgica, devolvendo o país aos seus legítimos donos, após claro, às suas muitas imposições para alimentarem os interesses da monarquia e do parlamento, coisa já costumeira entre os ingleses.

Hoje, no ano de 1824, a preocupação da coroa é no que tange a começar a voltar os seus olhares para as suas colônias na África e na Ásia, aonde pequenas manifestações começavam a mostrarem o descontentamento por parte de alguns líderes locais sobre a total servidão que as suas nações estavam vivenciando, prestando obediência ao trono inglês. Isso tem causado desagrados a ambos os lados, pois enquanto um quer continuar dominando, o outro anseia à liberdade da monarquia europeia.

Nas ruas londrinas neste exato momento, não há qualquer abalo ou cobrança por parte do povo em se tomar uma providência em relação aos acontecimentos nas colônias. Na verdade, a maior parte dos cidadãos nem sabiam o que de fato estava acontecendo. Era algo apenas ainda de conhecimento retido na cúpula de autoridades. O povão apenas parece ter estacionado no tempo, e nostalgicamente, todos os dias, todas às horas e em todos os cantos, o que faziam era lembrarem e lembrarem a vitória de nove anos atrás. Se vangloriando, ufanando a respeito da célebre data que marcara o triunfo final e o fim da guerra. Vangloriam-se também de Wellington, o general que comandara a tropa vencedora rumo à cidade de Waterloo. Porém, a maior parte dos homens que participaram da guerra, mas diretamente não estiveram sobre o comando de Wellington, foram esquecidos. Muitos dos que conseguiram regressarem, foram tratados como heróis, mas agora estavam esquecidos. E alguns desses esquecidos estavam viajando a bordo de uma charrete pelas ruas urbanizadas de Londres.

A dupla estava em perfeito traje militar de passeio, sendo um deles, a carregar uma garrafa de vinho tinto 12 anos numa de suas mãos embrutecidas e calejadas. Eles estavam felizes nesta manhã, pois ambos ganharam dois dias de folga de seu regimento, nos arredores da cidade, para irem até ela e comemorarem. Após dias e dias de trabalho, eles finalmente poderão curtir uma folga razoável.

--- Estou ansioso para chegar. Há dois meses e meio que não conseguíamos fazer uma visita decente as moças. Sempre correndo. Não podíamos passar mais do que algumas horas. Mas hoje não. Hoje vai ser diferente.

--- Vá com calma. Não há necessidade nenhuma para se desesperar.

--- O que foi Gordon? Pensei que você estivesse feliz, doido por rever Cristine, assim como estou morrendo de saudades de madame Deon.

--- E estou. Só que não vejo necessidade de me agitar tanto em meu assento, como você faz no seu.

O mais velho dentre a dupla, fica sem graça ante os dizeres do passageiro ao seu lado.

--- Fique mais calmo, sim. Relaxe e aproveite o resto da viagem que já estamos quase lá.

Mais sem jeito ainda, ele resolve por ora se aquietar no assento e esperar, embora no seu íntimo, ele ainda esteja tremendo de angustia para chegar ao seu destino.

Pouco tempo depois, quando a charrete entra na Rua Chesters, um lugar comum durante o dia, com o seu comércio fluindo normalmente, mas que a noite carregava uma má reputação pela frequência de indivíduos perversos, o cabo militar adianta para o condutor parar rente à calçada do número 88. Os dois saltam, sendo um deles, a pagar pela viagem, para em seguida a charrete partir e a dupla se prostrarem perante um solar rosa, modesto por fora, mas que por dentro guardava por sobre suas paredes, várias juras de amor de seus aventureiros confidentes que por ali adentravam em busca de saciarem os seus impetuosos prazeres carnais.

São 08h30min da manhã quando ambos batem na porta da residência. Passam alguns instantes até que a porta se abra devagar, para dar lugar então a uma mulher de cabelos castanhos com seus quase quarenta anos de idade. Na verdade ela possuía exatos 38 anos, e que naquele momento da manhã, ela aparecia na porta trajando uma camisola preta. Ela se espanta, quando vê às duas figuras a sua porta.

--- Ora, ora! Oswald Seeley e James Gordon na porta de minha casa à uma hora dessas da manhã de uma quarta feira. Não pensava de vê-los aqui nesse horário. É uma surpresa e tanto.

--- E aí, boneca? Não vai nos convidar para entrar?

--- Mas é claro que vou!

Ela acena com a cabeça para os dois entrarem. Após fechar a porta, Seeley a envolve em seus braços e tasca-lhe um beijo selvagem e saudosista em sua boca.

O ambiente era confortável e aconchegante. A famosa casa de Morgana Deon é conhecida pela sua hospitalidade e simpatia com que tratavam os seus frequentadores, tanto os assíduos, como os esporádicos. Frequentadores que, aliás, vinham de diversas camadas da sociedade, não importando com o bairro que madame Deon se fixara quando viera de Paris, há treze anos. No bairro, apesar de perigoso, Morgana e as moças que ali trabalhavam, sempre foram muito bem respeitadas pela vizinhança. No passado, ela já trabalhara em várias casas de prazeres. Mas hoje, finalmente ela tem a sua.

--- Estava com saudades de vocês dois. Faz um bom tempo que não os vejo.

--- Como tem passado, madame?

--- Muito bem. Ora, deixa disso, Gordon. Você sabe que pode me chamar de Morgana. Madame é apenas para os de fora. Vocês já são de casa.

--- Nós a acordamos?

--- Oh não. Eu já havia me levantado. Apenas terminara de tomar o café, quando vocês bateram em minha porta. Não tive tempo de me lavar e de trocar as roupas.

--- Para mim você está excelente, querida.

--- É mesmo?

Nisso, o outro militar intervém:

--- E quanto às moças? Vão bem?

--- Você quer dizer, “a moça”. Não é mesmo, meu caro Gordon?

Ele fica meio sem graça, mas Morgana vai direto ao ponto.

--- Não se preocupe. Cristine está bem. Está lá em cima, dormindo. Por que você não sobe e vai acordá-la, enquanto Seeley e eu batemos o nosso papinho.

--- Está bem. Com licença, Morgana, Seeley.

--- Tenha toda. Ah, James. Se você estiver com fome, pegue alguma coisa na dispensa. Fique a vontade.

O jovem agradece, tratando de subir às escadarias que levam até os dois corredores de quartos. Percorrendo um deles, o cabo pára em uma das portas, e então, com toques delicados, ele bate. Espera alguns segundos até rodar a maçaneta suavemente, abrindo-a, e olha para o interior do aposento, para depois entrar e fechar a porta atrás de si.

Na cama, uma das moças que trabalham naquela casa, repousa de um sono atrasado em face das altas horas perdidas. Horas estas entretendo os vários homens que ali estiveram na noite passada. Foi uma noite lucrativa, mas cansativa também. Por isso, quando o inglês entrara, ela não despertara, embora James tenha outros planos de tirá-la de sua cama. Ele a beija no rosto, acariciando levemente à sua cabeça com uma das mãos, até conseguir acordá-la.

Com a vista embaçada e com a voz fraca, ela balbucia o seu nome.

--- James. O que faz aqui?

--- Bom dia, meu amor. Eu vim lhe ver.

--- Mas, a essa hora?

--- Eu e Seeley saímos cedo do quartel, para podermos chegar num bom horário, e aproveitarmos o máximo os nossos dois dias de folga. Ah! E olha só o que eu trouxe. Vinho!

Ela senta na cama, enquanto James faz à mesma coisa, sentando ao seu lado.

--- Oh, James. A minha cabeça não está nada boa para aceitar uma nova dose de álcool. Ainda estou me recompondo de ontem à noite.

--- Tudo bem querida. Eu entendo.

Um pouco decepcionado pela rejeição imediata da moça à bebida, ele coloca a garrafa de lado, esquecendo-a por ora.

Quando faz menção em beijá-la, Cristine se esquiva como se quisesse evitá-lo, ocorrendo por então um período de silêncio entre ambos. O silêncio somente é quebrado pela orgia no quarto ao lado, aonde Oswald e Morgana se divertem.

--- O que foi? Você parece não estar feliz em me ver.

--- Eu estou cansada, James. Cansada fisicamente, da qual estava me recuperando quando você me acordou. Cansada de esperar por você dia após dia, sem receber nenhum sinal seu.

--- Cristine. Você já sabia muito bem desde o início de nosso relacionamento, de que estou "casado" com o exército. Eu tenho todas às minhas obrigações a cumprir com ele.

--- Suas obrigações a cumprir com o exército. Hum! Olhe para este lado aqui, James. Há uma pessoa que o ama, e que espera você dar as caras por aqui. E quando você aparece você vêm me falar do exército? Desse maldito exército!

--- Não fale assim. Mesmo não sendo o que mais gostaria de fazer em minha vida, mas tudo o que tenho, eu devo a ele.

--- Tudo o que você tem? Olhe só para você! Nem casa tem! Mora dentro de um quartel, passando dia e noite a seguir uma disciplina estúpida que não irá levar a lugar nenhum.

A discussão entre ambos passa a ser ouvida no quarto ao lado.

--- Psiu! O que é isso?

--- Deixa, vai. Vamos cuidar de nós dois.

--- Não, espere. Parece ser o Gordon e Cristine, discutindo.

--- Esqueça-os. Vamos nos divertir, amor.

--- Morgana. Você sabe de alguma coisa entre eles dois e não me contou. Por quê?

--- Ora amor. Eles dois são bem grandinhos e já sabem se cuidar muito bem. Por que você deveria se preocupar com eles?

--- Por que James é como um irmão para mim. E tudo que possa lhe fazer mal eu me interesso em saber.

--- Oh! Está bem, Seeley. Você ganhou. Eu conto. Um pouco antes da última vez que vocês estiveram aqui, Cristine conheceu um ricaço lá embaixo. Começou a se envolver com ele. Os dois começaram a sair com mais frequência, e embora eu duvide muito de que ela esteja apaixonada por ele, mas sim pelo dinheiro, ela está com alguns planos em mente. Ele a convidou, para juntos, os dois irem morar na Prússia, e isso que está acontecendo agora, naquele quarto, é à forma de despachar James Gordon de sua vida.

--- Eu irei avisá-lo.

--- Nem pense em levantar dessa cama ou você vai me perder. Entenda Seeley! Gordon é um homem. Ele deveria saber que poderia correr o risco de uma hora para outra, de perdê-la. As cortesãs, ao mesmo tempo em que estão sós, elas acabam encontrando alguém em suas vidas. Além do mais, vai ser melhor para ele, pois Cristine, embora não seja uma moça má, ela é bem nova. E como toda e qualquer marafona, ela pensa em fazer à vida dela enquanto ainda é bonita e jovem.

--- Isso tudo o que você falou-me fez lembrar uma coisa. À possibilidade de você me trocar por outro.

--- Há uma diferença. Você sabe disso tão bem quanto eu. Cristine jamais amou James de verdade. Ela só estava com ele por que é um rapaz bonito, mas ela nunca se entregou de verdade como fiz com você. Além do mais, quando eu possuía a idade dela, eu só pensava na minha independência financeira, não corria atrás de um amor sincero como eu faço hoje. E mesmo porque eu ainda faço programas com outros homens, mas você é o grande amor de minha vida.

Enquanto neste quarto a conversa é serena e doce, no outro não se pode falar à mesma coisa.

--- Não há motivos para brigarmos, amor. É só você ter um pouco de compreensão comigo.

--- Compreensão com você nada! Para mim chega! Veja só o que você é, James. Um derrotado. Um fracassado cabo do exército de Sua Majestade.

--- Pois bem, já que à conversa fica nesse nível, pois saiba que mesmo sendo cabo do exército, eu fui homem o bastante para respeitá-la. Eu lhe dei um respeito que jamais algum desses sujeitos que você está acostumada a se deitar, lhe dera. Eu lhe respeitei como mulher e ser humano, coisa que você nunca teve antes. Então, por Deus, o que você deseja mais de mim?

--- Eu desejo que você tenha um emprego decente. Que você passe a ganhar um "dinheiro de gente", para que nós possamos nos casar e virar às costas para esse maldito bairro e irmos para bem longe de Londres. Você não acha que eu já estou cansada de ir somente a alguns lugares para não nos aborrecermos, porque simplesmente eu sou uma prostituta, e as pessoas sabendo disso, iriam nos discriminar se eu frequentasse todos os cantos londrinos e arredores com você?

--- Estou pouco me lixando para o que a sociedade venha a pensar de nós dois. Eu gosto de você, Cristine. Só espero que veja isso.

--- Você pouco se importa com a sociedade, mas eu me importo. Sempre com aqueles malditos burburinhos atrás da gente, bem como os seus olhares que nos censuram. Você se lembra daquela vez que eu propus à ideia de sairmos de Londres e irmos morar em outro lugar? Você topou?

--- Como eu disse antes, meu bem, eu sou casado com o exército.

--- Pois então seja feliz em seu “casamento”. A partir de hoje você não toca mais em mim, mesmo que queira pagar pelos meus serviços.

Ela caminha em direção à porta enquanto o rapaz permanece atônito ante o fora que ele levara da moça. Boquiaberto, sem saber o porquê da discussão ocorrida naquele quarto, ele apenas a observa escancarar à porta, e mandá-lo sair. James não faz ideia ainda, de que Cristine arrumara outro homem. E é por isso que no interior de seu intimo, ele se pergunta sobre o estranho comportamento da meretriz.

--- Saia do meu aposento e saia agora, James!

--- Cristine?

--- Se você realmente gosta de mim, nunca mais me procure. E se retornar a casa de madame Deon, arrume outra garota para ficar com você. Mas nunca mais me procure!

Abaixando à cabeça, ele se retira do quarto, caminhando pelo corredor em direção às escadarias, enquanto um som de uma pesada porta fechando em suas costas alcança os seus ouvidos.

As horas passam, o dia se transforma em noite, e a noite começa a ferver, como sempre costuma ser nas dependências de madame Deon. Em seu interior, cenas de amores são travadas entre homens e mulheres, sendo nesta noite, Morgana e Seeley o par exemplar dentre os outros. Cristine, que outrora namorara James Gordon por um ano e meio, e que o despachara de sua vida naquela manhã, se via as rodas com o seu novo parceiro amoroso, vestido em caríssimas roupas.

Na entrada da casa, um homem contratado por Morgana, vigiava à entrada e saída daqueles que iam ali, e o jovem Gordon não passa despercebido por ele.

--- Boa noite, jovem. Esteja à vontade.

--- Obrigado. Não irei me demorar.

Quando aponta na entrada do salão, ele fica parado, jogando os seus olhares para as muitas direções do recinto que está abarrotado de gente em algazarras, bebedeiras, e

outros dançando as músicas que provinha de um piano num canto tocado assim por um pianista sem nenhuma fama.

De repente, os seus olhos captam a presença de Cristine e de seu namorado, sentados em uma poltrona, se desejando um ao outro. Pelo menos da parte do almofadinha havia desejos na moça vistosa, mas da parte dela, não sei se poderia dizer o mesmo. Talvez mais interesse do que paixão, embora ela soubesse representar muito bem.

Seeley, que estava ao lado de Morgana, conversando com outras pessoas, o vê. E de um sobressalto, ele salta apressadamente na direção de seu amigo, o barrando ainda na porta. Meio sem jeito, ele tenta levá-lo para fora, enquanto o seu parceiro de "armas" fita Cristine e seu homem. Então, Oswald consegue tirá-lo dali.

--- Eu fiquei sabendo da boca de Morgana, hoje, na hora em que vocês estavam discutindo lá em cima.

--- Está tudo bem, Seeley. Eu não estou nem aí para ela. Se ela é interesseira assim, que Deus a carregue para bem longe de mim.

--- É assim que se fala, garoto.

--- Eu só retornei aqui para avisá-lo de que me hospedei em uma espelunca lá na Rua Taylor, nº 9. Se você quiser me procurar, vá lá.

--- Está certo, James. E a propósito. É bom vestirmos trajes civis de vez em quando, não é mesmo?

--- Claro que sim. Nós passamos tempo demasiado vestindo farda que a gente esquece o jeito de se vestir roupas comum. Então até mais, Seeley.

--- Até mais, Gordon.

Assim que James lhe dá às costas, Oswald respira aliviado por não ter ocorrido nenhum transtorno para Morgana, nem para o seu amigo, e nem para ninguém.

O rapaz com vestimenta comum, caminha pelas ruas pouco iluminadas do bairro, procurando varrer de sua mente às lembranças da rameira Cristine, que um dia ele conhecera, enquanto ruma na direção da hospedaria na Rua Taylor.

No dia seguinte ao episódio com Cristine, o jovem James estava disposto a voltar para o quartel mais cedo, sem à companhia de seu amigo. Para isso, ele quitou à sua dívida com a hospedaria, aproveitou para comer qualquer coisa, e foi banhar-se em uma casa de banhos da região. A partida antecipada, fora não somente com intuito de esquecer à meretriz, mas porque inicialmente ele veio para ficar na residência de Morgana e agora, como brigara com a subalterna da madame Deon, ele não tem mais onde ficar. O único jeito é ir embora.

Após a sua higiene pessoal, ele veste à sua farda, se retirando do recinto, e após passar na entrada do estabelecimento e efetuar o pagamento, ele despacha à sua roupa de civil para o atendente. Em seguida, ele alcança a calçada com passadas calmas, passeando por ela, aproveitando o frescor de uma gostosa manhã londrina.

E como sempre nessas manhãs nos dias da semana, de segunda a sexta feira a cidade possui um serviço de tílburis muito extenso. Quase em toda a esquina você encontra um, principalmente próximo aos prédios Reais, como o do Ministério do Comércio. Ali, há um ponto de parada, desembarcando aqueles que são funcionários ou meros visitantes.

Dentre os muitos que chegam e saem, uma família de espanhóis e sua criada descem próximo da escadaria do Ministério, sendo o homem a pagar pela viagem. Estes são os Navarros, uma opulenta família oriunda de Navarra, no norte da Espanha, cujo patriarca, Leopoldo Navarro, é um dos maiores donos de terras, fazendeiros e exportadores daquele país. Hoje, ele veio ao Ministério tentar, em conjunto com um amigo seu, convencer o alto escalão inglês do comércio de abrirem as fronteiras comerciais e fiscais de sua nação aos alimentos produzidos sobre a sua marca na Espanha. Talvez esta, seja à parte mais difícil de sua ida a Londres, e ele não deixa de expressar essa preocupação em sua face.

O prédio era grande, com vários corredores que levam a muitas salas, a escadarias, e até mesmo a alguns jardins internos. Entre os muitos passantes, um homem de média idade, de cartola e bengala, aguardava pela chegada de seu amigo hispânico. Este homem é o senhor Benjamin Lacrofth, um funcionário de bom prestígio no Ministério, e muito influente junto aos Secretários do comércio.

Nisso, os espanhóis o avistam, e caminham em sua direção.

--- Lacrofth, meu amigo! Desculpe à demora, mas você sabe como são as mulheres para se arrumarem.

--- Como vão, senhora Navarro e senhoritas?

O cumprimento é rápido, pois os dois homens estão com pressa.

--- Venham. Não há tempo a perdermos. Os Secretários já estão reunidos lá em cima.

--- Papai. Eu e Maria podemos passear? Não quero participar dessa reunião.

--- Desde que Maria permaneça atenta em você, sim. Se houver qualquer coisa, Maria, você nos conte.

A empregada concorda e as duas dão meia volta deixando o local. Próximo ao Ministério existe o **Public Walk**, uma espécie de passeio público londrino, aonde ocorre à frequência desde pessoas comuns, até a alta sociedade de Londres.

Algumas horas depois, por entre as cantorias dos pardais próximos e nas árvores, um militar caminha calmamente por entre o ambiente, desfrutando da beleza e da paisagem. Embora de vez em quando, alguns lampejos de pensamentos invadam à sua mente, desligando-o do mundo ao seu redor. O que ele pensa, somente à sua pessoa interessa. Talvez, quem saiba, os seus pensamentos o levem para os dias em que ainda menino dava duro desde cedo nos estaleiros junto com o seu pai, na reforma e construção naval. Ou talvez, mesmo muito moço, alistara-se no exército para combater Napoleão e os franceses. Ou ainda, dos mais recentes, ele esteja relembrando, quem sabe, até mesmo fazendo especulações, no que poderia ter dado certo entre ele e Cristine. E por último, quem poderia dizer se até mesmo ele, de repente, esteja exercitando à sua memória em Seeley, e em como o seu amigo possa estar se divertindo agora.

Entre o vai e vem de uma pessoa e outra, subitamente o jovem cabo é resgatado, e trazido para o mundo real na forma de um abrupto esbarrão, por uma alegre e sorridente pessoa.

Ele se assusta, e ela se vira para lhe pedir desculpas, quando então, olhares se cruzam inesperadamente no meio do parque. À primeira vista, ambos parecem querer se expressar, mas a visão que um tem do outro parece ter parado o tempo em torno deles. Nada por ora era importante a não ser o que estava acontecendo alì, naquele instante, em uma admiração mútua. Eles tentam balbuciarem algumas palavras, tentando mexerem os lábios, embora sem sucesso. De repente, uma terceira pessoa aparece conduzindo os dois de volta ao mundo real.

--- Senhorita! Não corra assim, você pode se machucar e além do mais, não pega bem para uma dama. Senhorita! Senhorita!

--- O quê? Oh sim, Maria. Eu não irei correr mais. Desculpe pelo esbarrão, moço.

--- Esbarrão? Quê esbarrão?

--- Desculpe pela senhorita, senhor.

--- Não têm de quê.

Parcialmente os dois recobram a razão, separando-se em seguida. Ele ainda pensa em ir atrás dela, para saber o seu nome, mas ela, com toda à certeza, é uma moça de família, bem diferente de Cristine, uma rameira. Portanto, "senhorita", foi à única forma que ele aprendera para poder chamá-la.

Instantes depois, o rapaz torna a vê-la, dessa vez sentada em um dos bancos com a sua criada, conversando. Ele se mantém a distância, fitando-a, observando um lindo sorriso brotar na superfície do rosto da doce moça. Repentinamente, ela desvia os seus olhos na sua direção, e o vê olhando para ela. A situação agora era não deixar que a criada visse, pois do contrário, Maria poderia perceber o clima e bater com a língua nos dentes para o senhor Leopoldo, homem austero e de difícil temperamento, que com certeza não admitiria que a sua filha mais nova se relacionasse com um estranho. Ela fica mais ainda animada, quando vê James gesticular pedindo para despachar a criada para longe dali, para que ele pudesse se aproximar dela.

Mais que depressa, ela arruma um jeito de tirar o obstáculo do seu lado, mandando-a procurar por um anel que nem sequer ela havia carregado consigo na viagem a Inglaterra.

--- Maria! O meu anel de safira sumiu!

--- Como sumiu senhorita? Não vi em seus dedos nesta manhã?

--- Eu o trouxe comigo. Quando entrei no parque o coloquei, mas, de alguma forma eu o perdi lá para trás. Vá procurá-lo por mim, Maria. Eu estarei esperando por você aqui.

--- Em qual ponto do parque a senhorita perdeu?

--- Eu não sei. Foi pelo caminho. Agora vá procurar.

--- Mas isso é quase impossível. Eu vou ter que procurar no parque todo.

--- Eu tenho certeza de que o perdi lá na entrada, agora vá! Vá, antes que alguém ache e vire dono dele.

Praticamente ela a expulsa dali, para então fazer um convite de uma forma indireta ao seu pretenso "príncipe encantado", jogando uma mecha de seu cabelo para o lado. Ele então corre em sua direção, com a chama do amor ardendo em seu coração e uma sede de vontade para conhecê-la.

--- Bom dia, senhorita. Posso sentar ao seu lado, neste banco, e curtir as flores de um jardim tão belo quanto à dama com quem eu falo?

A moça se ruboriza ante as palavras do galanteador, endereçando-lhe um sorriso acanhado. Pronto. Era o pretexto que o militar queria para sentar-se ao seu lado e puxar uma conversa.

--- As flores são tão bonitas nessa época do ano. Dá até vontade de fazer uma coleção sobre elas. Eu costumo de vez em quando, toda vez que tenho tempo, de reparar a natureza ao meu redor. E constato a cada vez que faço isso, de que as flores são as obras da natureza que mais expressam à pureza divina, pois elas não agridem ninguém, não conflitam entre si, apenas viram sinônimos de amor, expressando da paixão e de uma forte vontade de união entre as pessoas.

As palavras saem pausadamente de sua boca, embora no interior dela, haja um gosto de fel provocado em consequência do nervosismo que se abate sobre sua pessoa naquele instante. Um nervosismo provocado por uma simpatia à primeira vista, pela fêmea.

De uma atitude repentina, ele se levanta, caminhando até o jardim, e colhendo uma rosa branca em suas mãos. Em seguida, ele a endereça para a preciosidade ao seu lado.

Se ela já estava gamando na dele, agora então, a partir desse gesto, o seu coração parece bater mais forte na mesma sintonia do rapaz.

--- O meu nome é James Gordon, senhorita. Desculpe se eu a deixei constrangida pela minha atitude precipitada mas, é que desde o instante daquele esbarrão, eu fiquei paralisado ante a sua vistosidade e o seu doce jeitinho de se portar. Eu não queria incomodá-la, mas o meu coração chorava para que eu pudesse elogiá-la e a Deus também, por colocar a mais bonita de todas às rosas no meu caminho.

--- Muito obrigada. O senhor é muito gentil em falar essas coisas para mim.

--- Senhor? Por favor, senhorita. Chame-me de James.

--- Queira me desculpar, James. Eu não fiz por mal. É que esta é a criação que recebi de meus pais. A propósito, eu sou Anita Navarro.

--- O prazer é todo meu em conhecê-la, Anita.

Sorrisos de insegurança e de flertes são trocados entre o casal de pombinhos, dando um clima mais do que romântico a cena de ambos.

--- De onde você vem?

--- Sou do norte da Espanha, da região de Navarra. O meu pai é um rico agricultor e comerciante, tentando cada vez mais expandir os seus negócios além do nosso país.

--- E é por isso então que você está aqui na Inglaterra?

--- Sim. Eu sou sua filha mais nova e a única solteira. Por isso, tive que acompanhá-lo.

--- Quando vocês regressam?

--- Eu não sei. Isso vai depender dele. Não depende de nós.

--- E onde ele está agora?

--- No Ministério do Comércio, em companhia do seu amigo, o senhor Lacrofth. O seu mediador aqui na Inglaterra junto aos Secretários de comércio. Minha mãe também está com o meu pai. Muito bem, agora chega de falar de mim e fale um pouco de você. Afinal, nós temos pouco tempo, pois a qualquer instante minha criada poderá voltar.

--- Bem, eu sou cabo do exército inglês como você está vendo em meu uniforme. Sirvo no 15º regimento de infantaria Real. Tenho 24 anos de idade, e estou encantado pela sua pessoa, doce Anita.

--- Obrigada. Você também é encantador, James.

--- Gosto de passear pelas ruas de Londres, toda a vez que tenho tempo. Gosto de vir ao Public Walk, ter mais contato com a "mãe natureza", e gosto de ter uma companhia agradável para conversar.

--- Mas isto é ótimo! Eu adoro conversas.

--- Eu ficaria eternamente agradecido à senhorita, se ela pudesse conceder a esse seu mais acalentado fã, à oportunidade de revê-la mais vezes.

--- E por que não? Afinal de contas, eu prefiro conhecer e conversar com alguém que é apenas oito anos mais velho do que eu, do que os amigos de papai que possuem muito mais idade que a minha. Papai é doido para me casar com um deles.

--- Onde a senhorita está hospedada?

--- Bom. Papai alugou uma casa no bairro granfino de Londres. Você sabe onde fica esse bairro de rico?

--- Sim. Passe-me o seu endereço e eu irei lá.

--- Fica na Rua Carlos Magno, nº 18. É uma residência branca, com um jardim todo florido, e um muro alto. Tenha cuidado quando aparecer por lá, pois meu pai não deixará que você se aproxime de mim.

--- Não se preocupe. Tomarei todo o cuidado possível.

--- Outra coisa. Da sacada de meu quarto, eu consigo enxergar o muro muito bem. Vá à noite, que eu estarei lhe esperando.

--- Oh! Oh! Sua criada está voltando. É melhor eu ir.

--- James. Quando você vai me visitar?

--- Hoje eu volto para o quartel, mas depois de amanhã, à noite, eu aparecerei por lá como o combinado. Beijos e abraços, meu amor.

Ela o vê se virar e partir, e Maria também.

--- Senhorita! Aquele homem. Ele não é o mesmo...

--- Homem? Quê homem?

--- Senhorita. Desde que o viste, parece ter ficado meio aérea, não? Isso acabou de me ocorrer algo. Será que a senhorita perdeu realmente o seu anel, ou foi um pretexto para que ele se aproximasse de você?

--- Realmente é verdade, Maria. Isso tudo foi uma farsa para que você saísse de perto, e ele pudesse se aproximar para conversar comigo.

--- Meu Deus! O que ele queria? Por que fez isto, senhorita, arriscando a sua vida assim dessa forma?

Anita parece delirar. Ela não está nem aí para o que sua criada venha ou não achar, e é indiferente à atitude que ela vai tomar. Anita é assim, uma moça a frente de seu tempo, que não dava muito valor para o quê a sociedade pensava a seu respeito. Ela era bem diferente de suas irmãs e por isso, ela não consegue esconder de Maria o que está acontecendo em seu íntimo naquele momento.

--- Acho que estou me apaixonando, Maria.

A jovem parece ficar estarrecida ante as declarações de sua conterrânea, não querendo acreditar nas palavras que alcançaram os seus ouvidos.

--- Você só pode estar louca! Os seus pais jamais admitiriam um relacionamento com aquele homem.

--- Os meus pais não precisam saber do ocorrido.

--- Eles saberão sim, senhorita. Eles saberão sim. Sou muito fiel aos dois, por isso, não irei pactuar em um romance impróprio para a filha mais nova deles.

A apaixonada espanhola aumenta o tom de sua voz e lhe aponta o dedo indicador.

--- Escute de uma vez por todas, Maria. Você não tem nada a ver com a minha vida, e nem manda em mim. Portanto, ponha-se em seu devido lugar e meta-se no que lhe diz respeito.

--- O seu bem-estar me diz respeito sim. Além do mais, sou paga para servir aos seus pais em primeiro lugar, e a senhorita em segundo.

--- Na minha vida pessoal mando eu. E não você e nem ninguém.

--- Senhorita! Estou lhe pedindo de que se desencante deste rapaz. Ele não é para você. Uma moça de sua classe social não pode se casar com um mero subalterno militar. Isto não soaria bem para o nome de sua família.

--- E com quem então você quer que eu me apaixone? Pelos amigos de papai? Aquele bando de "múmias"? Nunca! Prefiro morrer a me casar com um deles.

--- Pois deveria ouvir o seu pai. Ele sabe o que é melhor para você. Por isso, eu irei procurá-lo agora mesmo, e contar sobre o acontecimento.

Cerca de dois dias depois, na data marcada para o encontro, um sábado à noite, uma moça impaciente e preocupada aguarda à chegada de seu "príncipe encantado" na sacada de sua residência. Os seus pais e os empregados da casa, bem com a sua criada "dedo duro", já estão na cama à uma hora dessas, acreditando que a adolescente Anita, no auge de seus 16 anos de idade, já esteja embalada em infantis sonhos com bonecas ou ursinhos, bem distante da realidade do mundo. Pobres coitados são os idiotas que ainda acreditam nisso, que não podem ver à inquietação da jovem naquela noite em que

o ar está em movimento, carregando às folhas das árvores antes esparramadas nos jardins lá embaixo, enquanto o céu permanece ausente de estrelas, todo encoberto, sendo a árvore de compridos galhos a única testemunha de sua presença naquela sacada.

Após um bom tempo de espera, ela chega a pensar de que tudo não passara de um sonho irreal, despido de qualquer vínculo com a razão. Apenas uma fantasia esperançosa de sua cabeça.

A rua estava vazia, sem ninguém. Já fazia 1 hora em que a última viva-alma passara por ali: Um guarda noturno apitando para que os mesmos, em ruas mais afastadas daquela, lhes respondessem com igual instrumento de comunicação, dando indícios de que tudo estava em perfeita ordem no bairro de ricos.

De repente, alguém aponta na rua, pedalando uma bicicleta com destino ao portão de grades do nº18. Ela acena para ele com o seu lenço, e ele por sua vez retribui acenando com uma de suas mãos enquanto pedalava. Em seguida, ele encosta à bicicleta junto ao muro, e resolve então transpô-lo. O muro não era alto, como também não era baixo, mas precisava do auxílio de um arpéu ou uma escada para conquistá-lo, bastava uma boa dose de perícia e condicionamento físico para fazer valer à sua vontade por sobre o obstáculo. O resto era o bom motivo de poder rever a donzela, o suficiente para encorajá-lo a tal peripécia. Após pular para dentro, ele corre em direção à sacada com um sorriso em sua face, esperando então para que a senhorita lhe proporcione o meio de chegada até ela. Uma corda rígida, amarrada a um acimentado decorativo na borda de sua sacada, serve de apoio para que o militar consiga subir. Chegando lá em cima, tudo são flores. Sorrisos são desferidos um para com o outro, e um forte abraço é o prêmio que ambos recebem um do outro, por se arriscarem na proeza.

--- Eu pensei que você não viesse mais.

--- Desculpe à demora, doce Anita. Mas saí escondido do quartel, para poder vê-la.

--- Oh, meu Deus! Você não tem medo de uma punição?

--- Às vezes, há riscos na vida que valem a pena ser corrido.

--- Oh! Obrigada por você ter vindo. Estava ansiosa em revê-lo.

--- Eu também. E quanto a seus pais? Onde eles estão?

--- Dormindo. Todos da casa. Eu sou a única que está acordada.

--- Você é tão bonita. Faria tudo de novo para poder tê-la ao meu lado para sempre.

--- James. Você não imagina o que aconteceu naquele dia. Maria descobriu sobre nós e resolveu contar tudo aos meus pais.

--- Quer dizer que os seus pais já sabem de que você e eu nos falamos? É isso?

--- É, James. Eu sou uma moça de família rica, e como Maria disse: Papai não admitiria jamais que eu me relacionasse com você. Nem em sonhos ele aceitaria uma coisa dessas.

--- Mas por quê? Eu não compreendo.

--- O meu pai é um homem muito rico na Espanha. Ele, assim como todos nesta sociedade doente, não aceitaria que uma moça rica venha a se casar com um homem de uma classe muito inferior a dela.

--- Lá vamos nós de novo. Sempre é à questão de ser pobre. É um motivo para as mulheres que gosto correrem de mim, como se isso fosse uma moléstia incurável.

--- Espere James. Não fique nervoso. Eu apenas falei do que se passa na cabeça de meu pai e da sociedade, mas não falei nada da minha.

Ele respira meio aliviado ante as palavras da moça, mas sabendo desde já de que terá que enfrentar o preconceito para poder estar ao lado dela. Não só ele, mas ela também, se ambos quiserem permanecer juntos.

--- Por favor, Anita. Aqui dentro há um coração que balança por você, desde que a vi naquele dia, no Public Walk. Leve isto em consideração.

--- Calma. Vá com calma. Como eu disse antes, sou uma moça de família. Por favor, não se aprece.

Embora em seu íntimo arda o fogo da paixão tanto quanto no rapaz, ela procura manter a pose, não se mostrando demasiadamente atirada.

--- O quê eles falaram a respeito?

--- Bom, até agora nada. Aliás, o comportamento deles dois comigo, não mudou.

Olhares são trocados e um silêncio preenche o recinto permanecendo inalterado por alguns instantes, quando de repente, ao longe, um som de apito em ruas próximas, proveniente dos guardas noturnos, alcançam os ouvidos do casal, despertando-os para o mundo real.

--- Bom, já está tarde e eu preciso voltar antes que sintam à minha falta lá no regimento.

--- Mais uma vez, obrigada por você ter vindo.

--- Daqui a dois sábados eu terei folga. Vamos passear? Há outros lugares em Londres que eu gostaria que você conhecesse.

--- Estou certa de que ficaria muito feliz em conhecer a cidade.

--- Fica combinado então?

--- Sim. Daqui a dois sábados, no meio da manhã, no mesmo assento perto do jardim, no Public Walk.

Ele estende à sua mão direita, despedindo-se da espanhola, finalizando então com um beijo na mão da moça.

--- Durma bem, minha querida. Não deixe de sonhar comigo esta noite, e nas demais que estarão por vir.